



## **A INFLUÊNCIA DO FUNK NO AUMENTO DO COMPORTAMENTO FEMININO SEXUALIZADO NA SOCIEDADE**

**ÁGATHA STÉFANI MARTINS DE OLIVEIRA<sup>1</sup>**  
**GABRIELA NEVES PAULA DE SOUZA<sup>2</sup>**  
**JAQUELINE SAMPIETRO DE SOUZA<sup>3</sup>**

**RESUMO:** A música, assim como os seres humanos, passou por muitas transformações no percurso da história. Entretanto, em todas as civilizações em que se tem registro sobre a arte da música, ela foi um meio de simbolizar os sentimentos, felicidade, tristeza, equilíbrio, adoração aos deuses, formas de diálogo e representação artística. A utilização das letras em um meio social menos favorecido elenca a cultura da sua realidade cotidiana, refletindo a incidência da violência, no entanto, outros aspectos são abordados como referência de poder. É sabido que o ser humano desde os primórdios tem uma grande necessidade de viver em grupo, até por uma questão de sobrevivência e com o decorrer do processo evolutivo as ligações sociais foram crescendo. A autoestima está ligada diretamente ao bem-estar e saúde mental do indivíduo, associada ao quanto o indivíduo está satisfeito ou insatisfeito, quando se manifesta de forma positiva normalmente o sujeito se mostra mais proativo, confiante, competente e valorizado. O processo de revisão de literatura trata-se de uma busca, análise e descrição em uma temática inclusa em um campo do conhecimento com a proposta de identificar respostas a uma questão de pesquisa específica, sendo essa a base utilizada para a investigação desse estudo científico.  
**Palavras chaves:** Erotização, funk, feminino, influência.

## **THE INFLUENCE OF FUNK ON THE INCREASE OF SEXUALIZED FEMALE BEHAVIOR IN SOCIETY**

**ABSTRACT:** This paper examines the role of music in society and its profound impact on human experiences throughout history. Music has served as a powerful means of expressing emotions, ranging from happiness to sadness, and has been used for purposes such as worship, dialogue, and artistic representation across various civilizations. In particular, the use of lyrics within disadvantaged social contexts reflects the cultural reality, often highlighting the prevalence of violence and symbolizing forms of power. As humans have a fundamental need for social connection and survival, social bonds have evolved and grown over time. The individual's self-esteem is closely linked to their well-being and mental health, influencing their level of satisfaction or dissatisfaction. When self-esteem is positively expressed, individuals tend to be more proactive, confident, competent, and valued. This literature review focuses on the exploration, analysis, and description of the topic within a specific field of knowledge, aiming to identify answers to a specific research question. These findings serve as the foundation for further scientific investigation.

<sup>1</sup> Acadêmica de Graduação, Curso de Psicologia, Centro Universitário Fasipe – UNIFASIFE. Endereço eletrônico: [agathamartinsoliveira@gmail.com](mailto:agathamartinsoliveira@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora Mestre em Psicologia, Curso de Psicologia, Centro Universitário Fasipe – UNIFASIFE. Endereço eletrônico: [psicologia@unifasipe.com.br](mailto:psicologia@unifasipe.com.br).

<sup>3</sup> Professora Mestre em Biologia, Curso de Biomedicina, Centro Universitário Fasipe - UNIFASIFE. Endereço eletrônico: [jaky\\_sampietro@hotmail.com](mailto:jaky_sampietro@hotmail.com).



**Keywords:** Erotization, funk, influence, feminine.

## 1. INTRODUÇÃO

A música, assim como os seres humanos, passou por muitas transformações no percurso da história. Em todas as civilizações em que se tem registro sobre a arte da música, ela foi um meio de simbolizar os sentimentos, felicidade, tristeza, equilíbrio, adoração aos deuses, formas de diálogo e representações artísticas. Cada civilização gozou da sua natureza em relação música. Segundo registros e entalhes nas pirâmides, era comum entre os povos egípcios a utilização de “harpas e flautas”. Nas civilizações babilônicas, aparecem marcadores de uso comum de dois instrumentos de sopro “lira e cítaras”, dois instrumentos de sopro descobertos, registros e pinturas. Já na sociedade Chinesa, são escassos os registros referentes a música, porém percebemos que era normal o uso de lira de cordas de seda, instrumentos fabricados de bambu, e alguns órgãos de percussão. Um instrumento bastante utilizado pelos povos Hindu era a “vina” (semelhante à lira com cordas esticadas sobre um ducto de bambu e com caixas que eram propagar o som) (FLORÊNCIO, 2016).

Com o decorrer do tempo, a música foi se modificando e se tornando motivo de estudo por músicos e cientistas. Atuais formas de compreender a música e de evidenciá-la foram elaboradas, objetivando o desenvolvimento de uma estrutura teórica em que seria uma linda filosófica sobre a música. Uma peça musical é constituída por vários componentes imprescindível ou considerados relevantes, tais como, harmonia, melodia, forma, textura, timbre e ritmo (FLORÊNCIO, 2016)

O funk carioca, conhecido nacionalmente, tem influência de culturas afrodescendentes americanas e é criminalizado no Brasil desde a década de 70 (MENDES *et al.*, 2021). A forma de utilização de palavras e denominações geralmente repletas de violência fazem parte de uma espontaneidade nesse estilo musical, mas que reflete as ações do contemporâneo, refletindo a lógica pornográfica juntamente da explicitude da sexualidade genital (LIMA; BEDÊ, 2017). A utilização das letras em um meio social menos favorecido elenca a cultura da sua realidade cotidiana, refletindo a incidência de violências, referência de poder, a ostentação de bens e consequentemente a violência sexual interpretada em seu meio como detenção de poder (BRILHANTE *et al.*, 2018).

O consumo cultural gera identidade, estabelece padrões de comportamento, meios de aprendizagem, linguagem própria e um sistema de crenças compartilhado. Os integrantes do grupo atuam seguindo essas crenças. Nos grupos em que o componente de concordância é a música, crenças são geradas a partir dela. É ela quem influencia a maneira de se expressarem, de se vestirem, pentear, se mexer, dançar, entre outros. Esse grupo de crenças constrói a identidade desse grupo de pertencimento. Não é por acaso que a população mais jovem, que inicia seus próprios processos de modelagem de identidade, é a que apresenta o mais alto nível de compra de material fonográfico, pois é necessário possuir uma série de bens culturais para fazer parte da comunidade cultural (LICURSI *et al.*, 2020).

Para podermos ter uma melhor compreensão de como a música pode influenciar no comportamento das pessoas, deve-se entender que as atividades cerebrais estão diretamente ligadas aos estímulos de emoções, preservação e estimulação da memória de curto e logo prazo, diminuição de sintomas, sendo favorável sua utilização terapêutica para promoção de bem-estar psíquico e físico. A neurociência já realizou testes por meio de neuroimagens para detectar a consequência que a música causa em nosso cérebro. Os dados destes estudos demonstraram que



o cerebelo dispõe funções como comando dos movimentos voluntários, domínio muscular, aprendizagem motora, preservação do equilíbrio, percepção de tempo e formação de células rítmicas (SOUZA *et al.*, 2020).

De acordo com Bigois *et al.*, (2017) a música escutada em ambientes de hotéis, supermercados e lojas podem influenciar no humor dos consumidores, no tempo estimado gasto em um ambiente e na compreensão de tempo gasto. Há diversas formas de alcançar os níveis de estímulo em locais de compra e consumo, repercutindo em um comportamento de proximidade e fazendo com que os consumidores continuem por mais horas no local. Uma das estratégias empregadas é o ritmo acelerado e o volume alto, visto que o ritmo lento e o volume baixo têm causa antagônica. Conforme Bigois *et al.* (2017 apud MILLIMAN, 1982), foi realizado um experimento para determinar a influência da música em supermercados. A pesquisa aconteceu de três maneiras; com ausência música, com música em um ritmo lento e com música em ritmo rápido. Como resultado, foi possível notar que as vendas cresceram quando utilizada músicas em ritmo lento, se comparado com ritmo mais acelerado.

Esta pesquisa é de grande relevância para este estudo, uma vez que evidencia a influência do som, da música e do ritmo no comportamento humano. Buscamos aqui, com certa semelhança, compreender a influência do funk no comportamento massivo de jovens que se expõem a letras e danças erotizadas. Questionamos se o excesso de sexualização dessas músicas, reforçam as violências de gêneros e a erotização dos corpos femininos.

Os seres humanos têm uma necessidade inata de viver em grupos, o que melhora sua qualidade de vida e bem-estar. A falta disso pode levar a problemas de interação social, ansiedade e solidão, especialmente em idades avançadas (GASTAL; PILATI, 2016).

A música tem uma influência significativa nas emoções e na representação social, refletindo aspectos históricos e sociais. Estudos tendem a se concentrar nos efeitos das letras musicais em comportamentos antissociais e comportamento sexual, mas há pouca pesquisa sobre os efeitos pró-sociais (PIMENTEL, 2012).

A música influencia o comportamento, o pensamento e a interação social, desempenhando um papel importante na formação da personalidade e na comunicação. A música pode promover harmonia e bem-estar quando aborda construtivamente as relações e valores morais (OLIVEIRA; CABRAL, 2014).

A música tem um poder de condicionamento significativo na sociedade, afetando comportamentos sociais e categorizando grupos sociais. A sexualização na mídia, incluindo a música, é uma forma de comercialização, focando na sedução e desejo sexual (TROTTA, 2012).

O gênero musical do funk proibidão, que ganhou popularidade, concentra-se na erotização, muitas vezes objetificando os corpos femininos como objetos de desejo masculino. Isso contribuiu para questões como gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis (MENDES *et al.*, 2021).

Esta pesquisa investiga como o funk proibidão perpetua as desigualdades de gênero e vulnerabiliza as jovens em seu desenvolvimento psicossocial. Alguns dos objetivos desta pesquisa é investigar a relação das letras do funk com a erotização feminina e comportamentos sexuais; questionar o estímulo a erotização precoce nas letras e danças de funk e sua correlação com o aumento de violências de gênero; interrogar a relação do funk com o aumento do erotismo feminino; apontar os prejuízos sociais que a hipersexualização pode acarretar.

Com a análise baseada nos textos encontrados e utilizados sobre a representação feminina na música brasileira, autores investigaram gêneros como funk, pop e brega-funk, destacando a objetificação, o empoderamento e as contradições no movimento feminista. Abordaram-se



temas como erotização precoce, adultização e influência midiática, evidenciando como a exposição a conteúdos inadequados impacta o desenvolvimento infantil. Além disso, apontou-se a diferenciação sexista na crítica à sexualização de cantores mirins. Essas análises ressaltam a complexidade das representações femininas na música e a necessidade de reflexão sobre a proteção à infância diante dos desafios contemporâneos.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 Influência do Funk e a Erotização Feminina**

#### **2.1.1 Funk**

O funk, também conhecido como Funk carioca, surgiu nas periferias do Rio de Janeiro como um movimento sociocultural que denunciava desigualdades sociais e políticas. Embora tenha raízes nos anos 70, o gênero só ganhou reconhecimento nacional nos anos 90, inicialmente nas áreas nobres do Rio e, posteriormente, nas comunidades carentes, onde foi estigmatizado e marginalizado (GOMES, 2016).

Sua influência veio do funk estadunidense e do hip-hop, e o ritmo black, que faz referência à negritude, também deixou sua marca nos bailes cariocas (SCHERRER, 2015). O uso de videoclipes para promover o funk começou nos anos 80 e 90, embora a qualidade fosse inicialmente baixa devido à falta de apoio das gravadoras. Somente em 1997, com Claudinho e Buchecha, os videoclipes começaram a se destacar, permitindo maior visibilidade para o gênero (GUIMARÃES; RIBEIRO, 2020).

O funk hoje é o segundo gênero musical mais ouvido no Brasil, perdendo apenas para o sertanejo. Artistas como Anitta e MC Kevinho o popularizaram, ultrapassando fronteiras e ganhando destaque internacional. Empresas de eventos expandiram seus horizontes musicais, incluindo o funk em suas festas para atrair o público jovem, que é influenciado principalmente pela internet (CORDEIRO, 2019).

#### **2.1.2 Influência do Funk na Erotização Precoce**

A segregação entre crianças e adultos conseguiu ganhar uma notoriedade ainda mais forte com o surgimento da prensa gráfica, essa invenção foi o marco para o mundo letrado, que segregou os indivíduos que sabiam ler e os que não sabiam; sendo os adultos das crianças. Essa descoberta acendeu a necessidade para a evolução e boa integração dos indivíduos na sociedade. A escola aparece como um lugar importante para que as crianças possam ser alfabetizadas e passem para a vida adulta. Na idade média os adultos usavam a sua capacidade de leitura para trocar informações exclusivas, segredos que havia nos textos, e aproveitando-se que as crianças não sabiam ler para partilharem das mesmas informações. Com a chegada da era das Televisões isso se desfez por meio da comunicação audiovisual, apresentando-se inteligível atingindo todas as idades e indivíduos, indiferente da sua escolaridade e letramento. Esse acesso fácil que as televisões propiciam também colaborou com o compartilhamento de informações que antes eram somente para adultos – maior facilidade em acessar novelas, filmes, notícias e programas com cunho sexual e violência nas narrativas – o que corroborou para o começo de crianças adultizadas, cada vez mais apresentado comportamentos, desejos e atitudes de um adulto (PEREIRA, 2015).

Outro prisma significativo é o acesso de crianças e adolescentes tendo contato com a internet, essa ferramenta tecnológica está assumindo cada vez mais uma grande participação na modificação da sociedade, sendo de fácil acesso e corroborando para diferentes experiências na



vida de jovens e adultos. Na grande maioria os pais são os responsáveis por liberarem esse acesso à internet para seus filhos, como forma de suprir a ausência ou entreterem (SILVA; KALAMAR, 2020). É devido a essa exposição e sem terem um monitoramento do conteúdo acessado, pode se ocorrer a erotização precoce. As crianças por estarem em desenvolvimento ainda não tem estrutura psicológicas e nem físicas para discernir as informações que chegam, englobando-as em um contexto do mundo adulto, resultando na perda de valores e a erotização (BOLSON; RICHTER, 2018).

Segundo (TOMAZ, 2016) a infância vem passando por um aceleração e pode-se acompanhar essa adultização através da internet. Onde encontramos diversos MCs mirins divulgando vídeos, os quais citam sobre fama e dinheiro para garotos e garotas, essencialmente de regiões pobres. Os comportamentos passam longe do imaginário infantil, e contém letras e danças que fazem menção ao sexo e em algumas vezes sobre o uso de drogas, palavras de baixo calão e vestes de ostentação. As crianças que cantam funk estariam deixando de passar e viver sua infância. A cantora MC Melody em 2015 com oito anos de idade foi motivo de grande frisson na internet após seu pai publicar um vídeo, provocando a indignação dos internautas pela forma que a menina cantava, dançava e se vestia.

Observa-se que a sexualidade é ligada ao ser humano, fazendo parte da sociedade independente da classe ou gênero. Entretanto, a sociedade faz uma comparação distinta das apresentações da sexualidade entre homens e mulheres. Perante a esse acontecimento, parecem misturar esses padrões sociais que diferem, no caso das crianças de ambos os sexos, visto que parece ser “natural” um menino menor de idade mencionar sobre “boquete bom” na letra de uma música, reforçando e “afirmando” sua masculinidade na sociedade. Esses garotos asseguram o sustendo de sua família e de si, e com isso são estimulados a trabalharem amplamente, desde muito novos, não compreendendo os prejuízos que isso pode causar em níveis de preservação (FERREIRA *et al.*, 2021).

É difícil debater o fenômeno de erotização precoce, sem levar em consideração as várias condições que corroboram para esta causa. A mesma contribui diretamente com a sexualidade do indivíduo, visto que passa a ser cognominado precoce quando acontece antes que o indivíduo tenha plena consciência dessa atividade. Se exterioriza mediante a comportamentos que envolvem influência de estímulos externos, isto é, aquilo que o sujeito obtém, experiências socioambientais (FERREIRA *et al.*, 2022). Devemos lembrar que crianças nos primeiros anos de vida tende a reproduzir tudo aquilo que escuta e analisa sobre sua realidade, especialmente, temáticas ligadas ao mundo adulto. Desta forma, a convivência de crianças com essa conjuntura “maduro” é mais presente no seu próprio cenário infantil, sendo por meio de músicas classificadas e acesso a mídias visuais e internet (COUTINHO; XAVIER, 2019).

Outro cantor mirim que esteve envolvido em polêmicas foi o MC Pedrinho, aos treze anos de idade ele ganhou bastante visibilidade com sua música hit “Dom, dom, dom”. a versão original do videoclipe gerou o total de 14 milhões de acesso e 600 mil fãs nas redes sociais no ano de 2015. Na letra de seu hit ele menciona várias excitações de cunho sexual “Ajoelha, se prepara e faz um boquete bom” “A novinha é experiente e já nasceu com esse dom”, é explícito as citações a atos sexuais na letra. Da mesma forma que aconteceu com MC Melody. Após várias críticas referente ao teor apresentado em suas canções ele foi alterando o seu estilo e letras menos pesadas, mesmo assim passou a ser interesse do Ministério Público. Logo após, saiu uma liminar proibindo que o cantor menor de idade realizasse um show na cidade de Araçatuba (SANTOS, 2015).

No funk vemos cada vez mais MCs mirins que ganharam fama e destaque utilizando de letras com contexto sexual, sendo expostos nas redes sociais, mídias e em clipes fazendo danças



que existam atos sexuais. O MC Brinquedo também começou sua carreira no meio funk com treze anos de idade, seguindo o mesmo passo de Pedrinho, com letras extremamente sexualizada.

### **2.1.3 Influência do Funk na Erotização e Objetificação**

No início dos anos 2000 que o funk se torna cada vez mais erótico, e a figura feminina ganha mais notoriedade no meio do gênero, o processo de erotização do funk só se deu devido ao crescimento da representação feminina nas músicas. Após a primeira década do milênio surge algumas cantoras como Tati Quebra Barraco e Valesca Popuzuda, as letras cantadas por ambas têm bastante conotação e erotização, lançando uma nova óptica para as mulheres do movimento funk. Com as músicas elas começam a narrar a sexualidade, desejos e sucessos. Exaltando a liberdade de seus desejos, tirando as mulheres de uma posição de submissão e reposicionando como mulheres empoderadas, donas de seus próprios corpos, como se fosse uma voz do feminismo por meio das letras que se sobressai por ser consumida especialmente por classes populares (MENDES *et al.*, 2021).

Segundo (BORGES JUNIOR *et al.*, 2018) o funk iniciou um movimento com letras depravando os corpos femininos, simbolizado por mulheres que não se afeta com a ideia de objetificação referida às letras das suas músicas e procuram transformar a imagem de seus corpos na indústria do entretenimento. O empoderamento das mulheres no meio musical do funk também acontece através das coreografias sensuais em eventos, bailes e shows, acordando o interesse de um público ainda maior. Grandes casas de shows, bares, *Happy Hours* em centros municipais, chopadas de faculdades, estando presentes cada vez mais na sociedade.

Uma matéria publicada no ano de 2001 no jornal Folha de São Paulo, traz à tona uma alarmante de apreensão da Secretaria Municipal de Saúde com o crescimento do número de jovens gestantes. Conforme a prefeitura, a questão mais seria que “as meninas nem sabem quem são os pais de seus filhos”, uma vez que essas jovens teriam engravidado no decurso da conhecida “dança das cadeiras”, que ocorria em um local privado dos bailes. Segundo a matéria divulgada, nesta área os rapazes “ficariam sentados em cadeiras e no momento em que começa toca a música, as garotas - que estão vestindo saia e na maioria das vezes não estão usando calcinha - dançam fazendo um círculo ao redor dos acentos em que os rapazes estão. No instante que para de tocar a música, as garotas sentam-se no colo do rapaz que se estiver em sua frente, ainda que não saibam quem está em sua frente”. A entrevista, descreve um meio de grande “depravação” incluindo as adolescentes que habitualmente vão nos bailes funk e, no desfecho, por meio de declaração dos funkeiros que participaram da entrevista, propõe que as músicas contribuiriam com esta questão apresentada nos casos relatados, o próprio entrevistado diz: “as músicas hoje estão mais sensuais mesmo, não há dúvida” (CAETANO,2015).

## **2.2 Prejuízos Ocasionados Pela Sexualização**

### **2.2.1 Psicológicos**

A ideia de beleza é intrinsecamente complexa, atingindo diversas perspectivas, abordagens e prismas. A noção de beleza pode-se iniciar do entendimento corporal e física em que a visão das pessoas sobre seu corpo que é suporte para a compreensão das motivações para suceder modificações estéticas. Os parâmetros de beleza que causam a noção de atratividade são concepções sociais influenciadas, em sua maioria, pelas mídias de massa. Essa preocupação constante com a aparência estética disseminada pela mídia alcança cada sujeito de uma forma diferente, gerando danos individuais e coletivos, a demonstração mais profunda do poder da mídia na atualidade é a respeito da apresentação do corpo, uma naturalização obsessiva da aparência que enaltece a magreza e a jovialidade como ideia consensual. As propagandas



direcionadas para a beleza robustece a ideia de que atratividade física é um atributo valoroso, chegando até mesmo, causar danos em relação à autoestima das mulheres. Outro dano que pode ser oriundo da baixa autoestima, poder ser o consumo excessivo ou compulsão por compras de adornos, ou roupas e cirurgias estéticas (ABDALA, 2012).

A autoestima está diretamente ligada ao bem-estar e saúde mental, influenciando o comportamento do indivíduo. A autoimagem é historicamente moldada por fatores socioculturais. Hoje, a globalização e a mídia contribuem para a definição de padrões de beleza ideais, destacando corpos curvilíneos e musculosos nas redes sociais e no entretenimento. Isso leva a uma busca constante de aprovação para a aceitação social, resultando em problemas emocionais, incluindo a baixa autoestima, depressão e transtornos alimentares, afetando várias áreas da vida do indivíduo (RODRIGUES, 2019).

Segundo Copetti e Quiroga (2018), o uso da internet cresceu rapidamente entre os adolescentes, proporcionando uma nova forma de comunicação e criando oportunidades para desenvolver relações interpessoais. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (Ibope) em 2013 revelou que 64% dos adolescentes de 12 a 17 anos usavam a internet diariamente, e outra pesquisa de 2014 indicou que eles passavam em média 28 horas por semana online. Durante a adolescência, os jovens estabelecem valores, constroem relações mais sólidas com seus pares e desenvolvem habilidades emocionais. Nesse período, a autoaceitação é influenciada pelos modelos sociais do grupo de amigos. No entanto, os adolescentes são vulneráveis psicologicamente, e o uso da internet os expõe aos padrões estéticos promovidos pelos meios de comunicação, o que pode desencadear Transtornos Alimentares (TAs). Transtornos Alimentares, tais como, bulimia, anorexia e (TDC) transtorno dismórfico corporal.

A objetificação é simplificada como ver ou tratar alguém como um objeto, especialmente na sexualização compulsiva, em que partes do corpo, muitas vezes de mulheres, são dissociadas da pessoa, transformando-as em objetos de uso sexual. As estatísticas de cirurgias plásticas, como implantes de silicone, indicam essa objetificação. O Brasil é o segundo no mundo em procedimentos desse tipo. Essa teoria sugere que ela influencia garotas e mulheres a se verem como objetos para se conformarem com padrões de aparência, o que se relaciona de alguma forma com a pedofilização do corpo infantil (COSTA; BERCHT, 2018).

O corpo infantil ganha intenso investimento conforme é notada como consumidores em potencial. Ao mesmo tempo, é cada vez mais mostrado a idealização da infância como algo desejado, objeto estimado, enaltecido, assemelhando a “pedofilização” trivializada da sociedade. Como isso, o universo infantil vai sendo tomado por diversas mídias, que acabam influenciando na adultização e erotização dessas crianças (REIS *et al*, 2014).

A pedofilia é um distúrbio psiquiátrico classificado pelo CID como uma preferência sexual por crianças pré-púberes ou no início da puberdade. Importante notar que um pedófilo não necessariamente se torna um abusador, mas o abuso sexual é considerado uma manifestação da pedofilização, que envolve a erotização de corpos infantis. Isso é comum na cultura e se reflete em fantasias eróticas, como a figura da "babá sexy" ou "colegial," onde ocorre uma sexualização da infância (GUIMARÃES; GOMES, 2022).

### **2.3 Psicologias Social e Comunitária**

A prática da psicologia social na América Latina se iniciou na década de 1970, influenciada pelo paradigma da psicologia social experimental, prevalecendo nos Estados Unidos (TORRES; NEIVA, 2022). No final dos anos 1960, um grupo de psicólogos sociais formou um comitê com o objetivo de internacionalizar essa prática na América Latina. O comitê local foi estabelecido por volta de 1973, fundando a Associação Latino-Americana de



Psicologia Social. No entanto, obstáculos políticos e desacordos entre os membros do comitê local impediram o progresso do projeto (TORRES; NEIVA, 2022).

Na época, a ênfase estava na inserção da psicologia no trabalho com populações vulneráveis, visando a redução da exploração e da desigualdade social. As ciências sociais, incluindo a Psicologia Social, investigam as relações de dependência na vida humana, desde a infância até a idade adulta. O objetivo era compreender os processos de influência social e os estados psicossociais que afetam a qualidade de vida subjetiva (RODRIGUES, 2018).

Segundo Rolim e Oliveira (2020), a psicologia social analisa o comportamento resultante do contato entre indivíduos. Ela se concentra nas interações sociais e busca compreender os processos cognitivos e comportamentais decorrentes dessas interações. A psicologia comunitária procura promover a mudança social e o desenvolvimento com base nos processos psicossociais que afetam as comunidades. O psicólogo comunitário trabalha para fortalecer a identidade do grupo e contribuir para as lutas sociais por serviços públicos, como saúde e educação (ROLIM; OLIVEIRA, 2020).

### **2.3.1 Influência Social**

Os costumes culturais moldam nossa visão de mundo e de nós mesmos. A resposta à pergunta "Quem sou eu?" varia de acordo com o contexto social e cultural. Culturas individualistas enfatizam características pessoais, como habilidades e preferências, enquanto culturas coletivistas destacam aspectos grupais, como hierarquia familiar e similaridade com outros (RODRIGUES *et al.*, 2022).

A influência cultural é evidente em ditados populares, como o japonês "O prego que está ressaltado recebe uma martelada" e o americano "A roda que faz ruído ganha óleo", que refletem a valorização da diferença e da igualdade, respectivamente, nas culturas coletivistas e individualistas (RODRIGUES *et al.*, 2022).

A influência social, exemplificada pelos experimentos de Asch (1951), demonstra como as normas sociais afetam o comportamento humano. Os participantes eram influenciados a dar respostas erradas quando confrontados com a maioria do grupo, mesmo sabendo qual era a resposta correta. A conformidade era maior com mais participantes presentes (KLEINMAN, 2016 apud ASCH, 1907 p.n).

As normas sociais não apenas orientam o comportamento, mas também moldam a imagem que as pessoas projetam em diferentes situações. O medo de rejeição social e as consequências negativas da quebra das normas sociais levam as pessoas a conformarem-se, especialmente na presença de outros membros do grupo (MÓNICO, 2014, p. 401).

### **2.3.2 Representação social**

As representações sociais envolvem a construção mental de objetos, tornando-os presentes e simbolicamente significativos. Elas são formadas por conhecimentos adquiridos por meio de experiências, informações e crenças, e são a base das representações sociais (MENDONÇA; LIMA, 2014).

Essa teoria busca conectar o aspecto individual e social, enfatizando a influência da linguagem na formação de representações sociais. Elas não são criadas apenas pela sociedade em geral, mas também pelos grupos sociais aos quais o indivíduo pertence. As interações sociais moldam essas representações ao longo da vida (MOSCOVICI, 1976 apud SILVA, 2021, p. 16).

Essas representações sociais são influenciadas por crenças compartilhadas e são moldadas pela inserção social dos indivíduos em diferentes grupos. A perspectiva sociológica



é fundamental para entender a formação e a estruturação dessas representações (DOISE, 2002, apud SILVA, 2021, p. 21).

A teoria das representações sociais é relevante para compreender a influência do funk na sociedade, já que o funk como manifestação cultural cria representações sociais que afetam as atitudes e comportamentos dos indivíduos. Ele também transmite ideias, normas e estereótipos que moldam a expressão, o poder, a sexualidade e a identidade de gênero. Compreender essas representações é essencial para entender a influência do funk na sociedade (OLIVEIRA, 2023).

### **3. MATERIAIS MÉTODOLÓGICOS**

A metodologia aqui proposta abrange processos lógicos e sistemáticos acerca de toda bibliografia disponível sobre o tema. De modo específico, esta pesquisa foi realizada nos moldes da revisão integrativa que, de forma rigorosa, combinou de estudos com diferentes metodologias, com o intuito de integrar e discutir os resultados (GIL, 2009).

Categorizada como pesquisa qualitativa, este estudo aborda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Este método de pesquisa segundo Pongelu (2020) traz em sua pesquisa o objetivo discutir a presença da sexualidade nas produções da artista e o uso da internet para a espetacularização de si em busca de reconhecimento, fama e dinheiro, ao mesmo tempo em que constitui sua subjetividade. Nesse contexto, Pongelu (2020 apud Loizos 2013, p. 39-40) destaca a importância de uma pesquisa qualitativa, enfatizando que a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, porém poderoso, das ações temporais e dos acontecimentos reais. Ele ressalta que o mundo em que vivemos é cada vez mais influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados muitas vezes dependem de elementos visuais.

As formas de inclusão utilizadas são: artigos científicos publicados nos últimos dez anos; artigos científicos publicados nos idiomas português, espanhol e inglês; artigos científicos disponibilizados na íntegra; artigos científicos cujo assunto principal sejam funk e sexualização correlacionados ao aspecto da influência comportamental. Entretanto, os materiais com critério para a exclusão deste trabalho foram: livros impressos e artigos científicos pagos.

Na pesquisa realizada nas bases de dados PubMed, PEPsic e Google Acadêmico, foram empregadas as seguintes palavras-chave: "funk," "influência social," "Erotização," "influência comportamental," "sexualização feminina," e "erotização precoce." Os critérios de inclusão e exclusão foram aplicados na pesquisa.

Na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), foram utilizados os descritores e palavras-chave "funk," "influência social," "Erotização," "influência comportamental," "sexualização feminina," e "erotização precoce." Além disso, foram aplicados os seguintes filtros: texto completo disponível, limite de "Sexualização feminina," idiomas "Inglês," "Português" e "Espanhol," artigos científicos publicados entre 2012 e 2022 e tipo de documento "Científico."

Essas combinações de palavras-chave e filtros foram utilizadas para identificar artigos acadêmicos relevantes nos respectivos bancos de dados.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou a sexualização precoce nas letras e danças do funk proibidão e sua influência no meio social das mulheres. O contexto patriarcal no Brasil e a violência de gênero foram considerados. O funk foi associado à erotização precoce, prejudicou o desenvolvimento saudável, promoveu estereótipos de gênero e causou pressões sobre as mulheres. A objetificação feminina teve consequências negativas, incluindo desigualdade de gênero, assédio sexual, distorção da imagem corporal e negligência de outros aspectos da identidade. Foi importante promover conscientização e reflexão crítica sobre as representações femininas no funk sem restringir a liberdade artística. Ações educativas tradicionais e não tradicionais, discussões sobre gênero e educação foram necessárias. A psicologia social e comunitária desempenhou um papel crucial no estudo dessas questões, compreendendo os processos de influência social, conformismo e representação social.

O estudo buscou correlações entre as letras do funk e fatores como assédio e distorção corporal, visando conscientizar a sociedade e promover mudanças positivas. Esperava-se que este estudo aumentasse a conscientização sobre a influência da sexualização feminina no comportamento da sociedade, especialmente em relação às mulheres.

#### REFERÊNCIAS

ABDALA, Paulo Ricardo Zilio. Vaidade e consumo: como a vaidade física influencia o comportamento do consumidor. **Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul**. 2012.

BIGOIS, Larissa; BASSO, Kenny; DE SOUZA, João Vicente Rosa. A Influência da Música e Temperatura Ambiente Sobre o Comportamento do Consumidor no Varejo. **Revista de Administração de Roraima-RARR**, v. 7, n. 1, p. 201-216, 2017.

BOLSON, Gabriela; RICHTER, Daniela. A objetificação da mulher e a erotização precoce de crianças e adolescentes meninas: análise da paródia “vai baranga” de Mc Melody? **Seminário Internacional de Direitos Humanos e Democracia**, p. 18-18, 2018.

BORGES JÚNIOR, Aldo Nonato et al. O movimento funk e sua influência no empoderamento feminino. **SEMOC-Semana de Mobilização Científica-Alteridade, Direitos Fundamentais e Educação**, 2018.

BRILHANTE, Aline Veras Moraes; NATIONS, Marilyn Kay; CATRIB, Ana Maria Fontenelle. “Taca cachaça que ela libera”: violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, 2018.

CABRERA, Ileana Mosquera. Influência de la música en las emociones: una breve revisión. **Realitas: revista de Ciencias Sociales, Humanas y Artes**, v. 1, n. 2, p. 34-38, 2013.

CECCARELLI, Paulo Roberto; ANDRADE, Eduardo Lucas. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 21, p. 229-250, 2018



CAETANO, Mariana Gomes. My pussy é o poder: Representação feminina através do funk: identidade, feminismo e indústria cultural. **Universidade Federal Fluminense**, v.1, n. 2, p. 61-99, 2015.

COPETTI, Aline Vieira Sá; QUIROGA, Carolina Villanova. A influência da mídia nos transtornos alimentares e na autoimagem em adolescentes. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 10, n. 2, p. 161-177, 2018.

CORDEIRO, Marcelo. Capacidades de inovação em serviços: análise de uma empresa de promotora de festas. **Trabalho de Conclusão de Curso (Universidade Federal do Rio Grande do Sul Escola de Administração Departamento de Ciências Administrativas ‘ufrgs’ 2019.**

COSTA, Ângelo Brandelli; BERCHT, Ana. OBJETIFICAÇÃO E SAÚDE MENTAL. **Anais do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: resistências e ocupa (ações) nos espaços de educação, III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e o III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, 2018, Brasil.**, 2018.

COSTA, Gisele Maria Marino. As músicas veiculadas pelas mídias entre jovens: consumo, tendências e comportamentos. **Universidade Federal De Minas Gerais Faculdade De Educação.** 2015.

COUTINHO, Reginaldo Aparecido. A elevação do funk carioca a “patrimônio cultural”: cotidiano e embates sociais e políticos em torno da implementação da Lei 5543/2009. **Antíteses**, v. 8, n. 15, p. 520-541, 2015.

COUTINHO, Stefanne; XAVIER, Chirley. Erotização do corpo feminino: um discurso discriminatório sobre o funk. **Editora Científica, Políticas Públicas, Educação e Diversidade: Uma Compreensão Científica do Real**, p. 466, 2019.

FERREIRA, Cicero Emanuel Dias; ROCHA, Regina Petrola Bastos. Reflexos De Uma Sociedade Contemporânea Acerca Da Erotização Precoce. **REVISE-Revista Integrativa em Inovações Tecnológicas nas Ciências da Saúde**, v. 9, n. fluxocontínuo, p. 169-184, 2022.

FERREIRA, Marta Claudiane et al. Gênero discursivo funk x estímulo sexual na infância: diferenças entre os gêneros feminino e masculino. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 14, n. 44, p. 248-262, 2021.

FLORENCIO, Naelson Lima. A construção da identidade adolescente sob a influência da música em jovens integrante da banda em Redenção. **Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira.**2016.

GASTAL, Camila Azevedo, and Ronaldo Pilati. "Escala de Necessidade de Pertencimento: Adaptação e evidências de validade." **Psico-usf** 21 (2016): 285-292.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4º ed. São Paulo: **Atlas**, 2009.



GOMES, GABRIELLA DE AZEVEDO. Beijinho no ombro: uma análise sobre Valesca Popozuda e sua ascensão na mídia. **Universidade Federal do Rio de Janeiro Escola de Comunicação**, 2016.

GUIMARÃES, Jéssica; GOMES, Lília. “Ninguém precisa saber disso” Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes do Sexo Masculino. **Centro Universitário UNA, da rede Ânima Educação**, 2022.

GUIMARÃES, Maria Paula; DA CONCEIÇÃO RIBEIRO, Rita Aparecida. Quando o funk subiu as passarelas da alta costura: a trajetória do funk carioca no cenário da moda internacional. **Revista Internacional de Design**, 2020.

ITURBE, Borja. Sexo, sexismo, música y amor. **Padres y Maestros/Journal of Parents and Teachers**, n. 325, p. 25-28, 2012.

JÚNIOR, Cândido Rocha Flores; CÓRDOVA, Lucas Ferraz. Por uma práxis social comunitária em Análise do Comportamento. **Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, v. 27, n. 4, p. 527-544, 2019.

KLEINMAN, Paul. Tudo o que você precisa saber sobre psicologia: um livro prático sobre o estudo da mente humana. **Editores Gente Liv e Edit Ltd**, 2016.

LEAL, Tatiane. O show das poderosas: Anitta e a performance do sucesso feminino. **C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, n. 31, p. 110-121, 2014.

LICURSI, Maria Beatriz; MORGADO, Elsa; LEONIDO, Levi. MÚSICA E SOCIEDADE: repercussões nas ordens sociais e mentais. **ERAS| Revista Europeia de Estudos Artísticos**, v. 11, n. 4, p. 45-59, 2020.

LIMA, Vinícius; BEDÊ, Heloísa Moura; BELO, Fábio. Sexualidade e violência no funk: dominação masculina, psicanálise e adolescência. **Revista Percursos (Online)**, v. 59, p. 27-36, 2017.

MELO, Maria Gabriela Vicente Henrique de. “A Repressão Aos Direitos Sexuais Como Instrumento De Exclusão Social”. uma análise da série televisiva fleabag. **VI Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra**, v. 6 n. 1 2021.

MENDONÇA, Anderson Pereira; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Representações sociais e cognição social. **Psicologia e saber social**, 2014.

MÓNICO, Lisete dos Santos Mendes. INTERGROUP RELATIONS AND SOCIAL INFLUENCE: SELF-PRESENTATIONAL PERSPECTIVES? **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 5, n. 1, p. 397-403, 2014.



OLIVEIRA, Daniele Lopes<sup>1</sup>; CABRAL, Elisandra Barbosa. A música e sua influência na propagação de conceitos discriminatórios, ofensivos e banalização do papel da mulher: um estudo sob o olhar da picanálise. **Semana de Ciência e Tecnologia da PUC Goiás**, 2014.

PEREIRA, M. Funk de Menor: Identidade, consumo e engajamento dos MCs Mirins do Funk Ostentação no Facebook. In: **Congresso Internacional Comunicação e Consumo, COMUNICON**. 2015.

PIMENTEL, Carlos Eduardo. Efeitos de letras de músicas em comportamentos pró-sociais: teste do modelo geral da aprendizagem. 2012. xiv, 122 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) —**Universidade de Brasília**, Brasília, 2012.

PONGELUPPE, Maria Angélica Brizolari. O funk de MC Melody: problematizações sobre mídia, sexualidade e infância. 2020.

REIS, Fernanda; MUZZETI, Luci Regina; DE CASTRO LEÃO, Andreza Marques. Sexualidade e infância: contribuições da educação sexual em face da erotização da criança em veículos midiáticos. **Revista Contrapontos**, v. 14, n. 3, p. 634-650, 2014.

RODRIGUES, D. S. S. A influência das mídias sociais na autoimagem da mulher e suas relações no desenvolvimento dos transtornos alimentares. **Criciúma, SC: Universidade do Extremo Sul Catarinense**, 2019.

RODRIGUES, Paulo Roberto Grangeiro. Influência social, minorias ativas e desenvolvimento moral: Ensaio teórico sobre a representatividade política brasileira. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. Psicologia social. **Editora Vozes**, 2022.

ROCHA, Luís Fernando. Teoria das representações sociais: a ruptura de paradigmas das correntes clássicas das teorias psicológicas. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 34, p. 46-65, 2014.

ROLIM, Edna Ramos; DE OLIVEIRA, Maria Rosa. Identificar o objeto de estudo e a prática da Psicologia Social e da Psicologia Comunitária. **FAMA - Faculdade da Amazônia; O Portal dos Psicólogos**, 2020.

SÁ, Gerônimo Lucena de; MENDES, Luís Augusto de Carvalho. Psicologia e música: uma análise bibliográfica da produção acadêmica brasileira. **Revista Mangaio Acadêmico**, v. 2, n. 1, p. 98-114, 2017.

SAGBOHAN, Moise Leance et al. A Relevância do Som na Vida Humana. **Metodologias Ativas**, p. 254.



SANTOS, Thiago Gurgel. Direitos fundamentais na defesa de crianças e adolescentes atuantes no cenário artístico musical do funk e a moralidade de suas manifestações musicais: os casos de Mc Melody e Mc Pedrinho. **Universidade Federal Do Ceará Faculdade De Direito**, 2015.

SCHERRER, Rodrigo. Funk Ostentação: consumo e identidade dos jovens da periferia. **COMUNICON, São Paulo**, 2015.

SILVA, Jandilson Avelino da et al. Revisão sobre o processamento neuropsicológico dos atributos tonais da música no contexto ocidental. **Avances en psicología latinoamericana**, v. 31, n. 1, p. 86-96, 2013.

SILVA, Ariel Suellen Nery da. A representação da mulher nas letras do brega-funk recifense: uma análise sociocognitivista do discurso. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso.

SILVA, Lucicléia Kalamar Grasiela Pereira et al. Infância na sociedade contemporânea: um estudo sobre o processo de adultização infantil. **Revista Panorâmica online**, v. 31, n. 1, 2020.

SOUZA, Meiriane Venuto et al. A música como ferramenta na fonoterapia da criança com dificuldade de aprendizagem. **Revista Interdisciplinar Pensamento Científico**, v. 6, n. 3, 2020.

TOMAZ, Renata. “Criança pode cantar e dançar funk?” –as repercussões dos vídeos de MC Melody e as disputas no campo da infância. **Estudos Semióticos**, v. 12, n. 2, p. 90-97, 2016.

TORRES, Cláudio Vaz; NEIVA, Elaine Rabelo. Psicologia social: principais temas e vertentes. **Artmed Editora**, 2022.

TROTTA, Felipe. Música popular, moral e sexualidade: reflexões sobre o forró contemporâneo. **Revista Contracampo**, n. 20, p. 132-146, 2012.

VARGAS, Maryléa Elizabeth Ramos. Influências da música no comportamento no comportamento humano: explicações da neurociência e psicologia. In: **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. 2012. p. 944-956.

XIMENES, Verônica Moraes et al. Saúde Comunitária e Psicologia Comunitária e suas contribuições às metodologias participativas. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 11, n. 2, 2017.